



A APANHA DA AZEITONA: O transporte do fruto
(Clickê do giestino amador sr. A. Abrantes)

II Série—N.º 403

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 10 de Novembro de 1913

DIRETOR E PROPRIETARIO J. J. DA SILVA GRAÇA
 EDITOR: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Edição SEMANAL DO JORNAL O SÉCULO

Assinatura para Portugal, colonias portuguesas e Hespanha:

Redação, administração, offic. de composição e impressão
RUA DO SÉCULO, 43



Trimestre..... 1\$20 cent. Semestre..... 2\$40 cent.
 Ano..... 4\$80 cent. Numero avulso. 10 cent.



Como o papá,
vesti a minha
Camisola RASUREL

*Em qualquer idade e em todas as estações
deveis usar as malhas*

do **Doutor RASUREL**

Compostas d'uma mistura de lã d'Austrália e de fibras de turba antiseptica as malhas do Doutor RASUREL são quentes, leves e rigorosamente antisépticas. Conservam em volta do corpo uma temperatura sempre igual, preservando assim dos resfriados e dos reumatismos.

ÚNICOS DEPOSITARIOS :

{ LISBOA : Casa Pitta, 195, r. Augusta, 197.

PORTO : Casa "Paris no Porto", 144, r. Sá da Bandeira, 146.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 403

10-11-1913

Um rei

Em plena Baviera, no castelo de Furstentried, gigante de pedra d'um gotico alemão, hirsuto de coruchões e de gárgulas, existe uma velha camara do seculo XVIII, forrada de Gobelinos, onde ha quarenta anos passeia, dia e noite, um homem: o rei Othon. E' um pobre velho, enorme, devastado, com uns olhos de febre e de terror e uma barba branca revolta de apóstolo bisantino. Endoideceu na puberdade. Foi aclamado rei sem o saber; reinou, sem o saber, durante quarenta e um anos; acaba, sem o saber tambem, de ser destronado e deposto. Pela sua cabeça de es-



petro passou, n'uma névoa d'ouro, a ilusão da corça real. Guardou, inconscientemente, nas suas mãos tremulas, a sombra d'um poder e d'uma realza. Inconscientemente ainda, essa propria sombra acaba de se lhe esvaír das mãos. E o velho Othon, rei de tragédia, figura que se diria arrancada a Shakespeare, continua passeando, dia e noite, na penumbra tranquila da sala dos Gobelinos, cujos tapetes se esgarçam e rompem sob os seus pés,—emquanto lá fóra, na Baviera loira e florescente, a vida das grandes cidades lateja, fermenta e tumultúa.

Violetas

Com o inverno, chegaram as primeiras violetas. Pequeninos farrapos de veludo roxo onde mal se abriga a alma de um perfume esquecido, flores d'um tempo que não tem flores, as violetas começam a surgir nos *politiches* japonezes das mezas de trabalho, nos solitários de cristal dos toucadores, nas grades tristes dos jazigos, nos regalos de lontra das mulheres, como sorrisos negros de morte e de voluptia,—abrindo, palpitando, tremendo. Mas —flór que se diria nascida para Portugal —é, sobre tudo, de encontro á péle morena da portugueza, péle baça e quente,



abrindo, palpitando, tremendo. Mas —flór que se diria nascida



d'um grão trigoeiro e doirado, péle que a luz morde de uma patine doce e zebra de reflexos metalicos, que a violeta, expressão submissa da timidez, tem o seu instante supremo de beleza e de gloria. Por que fica menos negra? Não. Porque, ao pé d'ela, todos os seios são brancos.

As cheias

As cheias, sobretudo nos campos de Santarem e de Coimbra, cobriram a terra de um grande espelho-tranquillo d'agua. Espreita á superficie, prateada e meida, a rama alta das oliveiras submersas; bois ruivos e humildes atravessam, quasi cobertos pela cheia, arrastando as pipas salvas das adegas; nas grandes arvores das estradas, as aranhas, marinhando pelos troncos, fugidas da agua que



sobe, vão estender nas ramadas altas os filamentos das teias, que fulgem e se irrisam ao sol. As populações ribeirinhas afastam-se; os campos explendem n'uma toalha de prata, e emquanto a inundação fertiliza e revigora a terra alagada, um silencio e uma serenidade catastrophe envolvem, pesadamente, a natureza.

Arte de educar estadistas

Disse um dia Paul Mounet que se devia sugerir a todo o homem publico a vantagem de frequentar os Conservatorios dramaticos. Na opinião do illustre ator—que é a de muita gente—os oradores politicos respiram mal, gesticulam mal, graduum mal a voz, e a sua oratoria, rebelde a todas as regras da arte de dizer, perde efeitos de persuasão, de convicção e de dominio. O recente movimento revolucionario e as fugas mais ou menos pitorescas a que o seu malogro deu lugar, veem dizer-nos que a intervenção do ator na educação do homem politico tem de ser mais ampla e mais imprevista do que supoz Paul Mounet. Desde que o sr. Azevedo Coutinho, antigo estadista da monarchia, devesse ha poucos dias a facilidade da sua fuga ao talento admiravel com que se caracterizou, colando uma péra e compondo um tipo de inglez, ridiculo na sua cabeleira, nos seus oculos e no seu *kinckerbocker*,—é evidente que o homem publico, antes mesmo de aprender a ciencia de governar os povos, deve conhecer a arte de pintar a cara.

JULIO DANTAS.



Ilustrações de Manuel Gustavo.

uma péra e compondo um tipo de inglez, ridiculo na sua cabeleira, nos seus oculos e no seu *kinckerbo-*





A TORRE.

«Fosse pelo que fosse, lá o enterraram hontem.

Tinha as pernas em cotovêlo e a espinha aguçada, em bico. O esquite era em forma de gaiola e mesmo assim, os homens da confraria viram-se doidos para incrustar o esqueleto.

Não tocou o sino e não foi ninguém ao enterro. O coveiro atirou lhe a terra para cima com o latim do abade que com grande custo o deixou enterrar no sagrado.

Nos meus sitios corria que o sineiro andava metido com o diabo. Assim o odio d'aquella gente lhe fez roda. E a filha que se enterrou hontem tambem, e era um talhe fidalgo de corola branca emurchedida arrastando a sua melancolia nas convulsões do tronco debil, diz-se que começou a morrer desde uma noite em que, seguindo o pae por altas horas, estarrecida ficara deante da torre, ardoendo n'um clarão demoniaco.

O pae achou-a de manhã, na volta do festim com o diabo, e levou-a para casa, espavorido, sem nunca lhe perguntar ao que fóra, nem revelar a ninguem o seu segredo.

Mas os seus olhos de doida beijando de morte a alma do velho, não podia ele suportal-os, muito fixos espiando-o, de mansinho se vertendo todos adentro dos olhos dele.

—Oh! a fixidez d'esses olhos que não sabem ver a morte e se ficam inteiros na vida e são um adeus afflitivo de esperanza!... E como se cada dia fosse sentindo em seus dedos o aflamento dos d'ela, na sua garganta o nó que ella queria partir e nos seus olhos a dor que os olhos d'ela choravam, o sineiro resolveu pedir a alguém que, por esmola, a levasse.

Precisava de carinhos que as suas garras nunca tiveram nem para o bronze dos noivados de sonho quando dobram mais as almas do que os sinos, pelo pranto sentidissimo das folhas e das virgens, no outono.

Logo a morgada do Louro a quiz levar para si.

Aquella silhueta arisca de tísica resignada affiguro-se á velha dona uma porta do céu, em que só o sacrificio dá bilhetinho de entrada.

E desde então o sineiro todos os dias foi vel-a, e presuroso porque a magreza crescia, se angustava a figura e os olhos iam morrendo no fundo das suas covas em que os lilazes cresciam.

As horas longas do seu tormento marcavam a demora d'ela na vida e aos seus ouvidos cansados o sino plangia docemente, penetrando-lhe o coração e lá ficava a soluçar, receioso de ir-se embora, temendo que ella mais o olhasse.

Sósinho no seu casebre o Cristovam aparecia aos olhos da gente boa como um grande desgraçado. Havia porém quem segredasse que elle matava a filha com remorsos de haver feito igual partida á mãe.

E contava-se como o Cristovam apparecera, vindo não se sabia de onde e como foi recebido pelo morgado da Gandara, um excomungado que á meia noite acendia luzes no solar, tinha visitas suspeitas e diziam que abandonára a mulher, uma linda senhora caridosa e crista.

—«Aquilo era compromisso velho. Pagava pelas que fizera. O morgado tambem já tinha morrido. Era a vez do Cristovam prestar contas». — E mais e mais se enredava o mysterio á volta do sineiro. Só o abade não queria acreditar. — «Era um po-



bre homem e prestavel, acompanhava-o sempre quando tinha de sair de noite. Deixassem lá». Entretanto o sineiro ia-se afastando cada vez mais dos vizinhos que solícitos buscavam penetrar-lhe o isolamento e tudo attribuiam a remorsos pela morte da mulher.

Era a mais linda do sitio, a do Cristovam. Morreu tinha a filha doze anos. E ha oito que ele media a sua ausencia por uma saudade sem fim que na bondade e na lindeza da filha andava florescendo.

Agora sentia bem, que a filha acabava do mesmo mal.

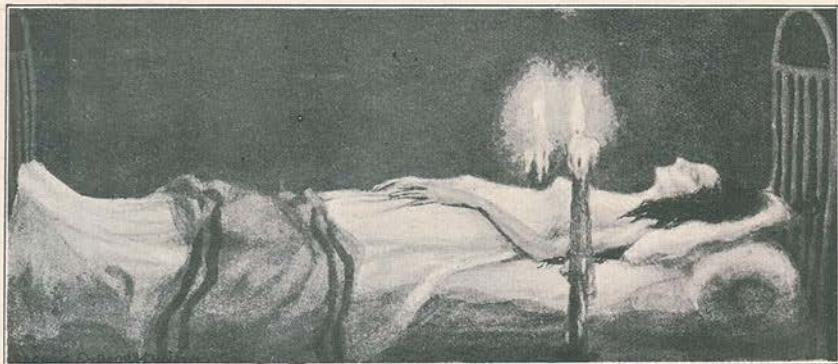
Desde que a mulher adoecera nunca mais haviam ficado juntos. Mas ela sabia tudo, escutava

E se alguém o encontrava e condoido, inquiria da razão do seu tormento, o sineiro seguia mudo, a chorar um choro convulso de odio, alucinado, ouvindo em seus soluços longos repiques festivos fendendo a sua tristeza.

Tempos depois, a morgada porque a tísica se sentisse prender mais dentro do peito, mandou chamal-o de noite.

Não o achou o creado e viu o casebre aberto. Quando disseram á filha que o pae desaparecera, ella teve um arripio, aconchegou mais a roupa.

De manhã, na brancura do lençol escorria uma mancha inerte de dedos e a cabeceira pendia sob o cabelo esmanchado, placida e tranquilla.



tudo até ao ultimo passo nas pedras, já longe, ao dobrar para o lado da torre. E chorava olhando a filha esbelta que ia alvorecendo em graça, e fazia cõro com ella pedindo ao pae que não tornasse a sair de noite porque se tolhiam de medo, soshnas no amor uma da outra.

Agora notara que tambem a filha começara a definhar, a não tirar os olhos d'ele, a pedir-lhe que não saísse de noite. E para a não ouvir e para enterrar a lembrança da mãe no esquecimento da filha, foi que pediu que lh'a levassem.

Desvendava-se o segredo.—Porque ella fugia d'ele e escondia-se sob a roupa quando o sentia de madrugada pé ante pé entrando.

Quando chegava ao pé da filha e lhe tomava as mãos cujos dedos pendiam transparentes, nos sulcos azues das veias em que o sangue mal falava, onvia todo o remorso do seu destino infeliz.

Nascera [para matador. Morrer.-]lhe a mãe de parto. Depois a mulher finara-se com medo d'ele, odiando-o. E a filha agora lá ia, não lhe podia valer:

Pelo caminho, na volta, as lagrimas estagnavam-lhe nas rugas fundas do rosto. Não atinava com a razão da sua desgraça, ia aos bordos, arastando-se, sem dar pelos que passavam.

Soube-o o sineiro que ora dormia na torre, e não quiz tocar o sino, nem á noite apareceu para velar o caixão.

Foi na manhã seguinte que os homens da confraria acharam enrodilhado junto á porta da torre o cadaver do Cristovam.

Disse-me ha pouco a morgada quando passava da missa que a torre tem uma historia.

E como eu lh'a perguntasse a dona persignouse.

Tambem eu tenho a certeza de que o diabo se acõita na velha torre morena.

Em pequeno me contavam que ninguem queria ser sineiro d'ella.

E lembra-me que se dizia que quem se aproximasse a horas mortas da noite veria o fogo jorrande pelas frestas.

Sineiro que entrasse ou fazia pacto com o diabo ou não duraria um ano.

Não seria bem por isto.

Mas, fosse pelo que fosse, o Cristovam lá ficou hontem perto da mulher e da filha, elle que tinha sestro de matador.»

NUNO SIMÕES.



TEATROS

A semana finda deu-nos, nos teatros Avenida e Ginásio, duas peças de autores portugueses: a opereta *Flôr da Rua* dos srs. Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa e a comédia *A vizinha do lado* do escriptor sr. André Brun. Em ambas estas peças corre, na sua leve parte emotiva, o mesmo fio de lirismo: a reabilitação sentimental da pecadora. Na

opereta dos escriptores portugueses, a protagonista, saída da rua e que á rua volve, exalta-se pelo seu amor a um cin co, do velho molde, e por ele, a nossos olhos, tentam os autores poetisa-la. A figura da peça do sr. Brun, átriz, saída do pó e da lama dos bastidores, redime-se das suas maculas, da desordem dos seus afetos e dos seus hábitos, quando, no ultimo áto, se sacrifica, pelo bem do amante, a abandonal-o e a entregal-o, livre, á felicidade d'outra mulher. As duas situações das duas peças são humanas e o seu desenlace de abdicção, por parte das duas amorosas, é paralelo.

O tema da opereta *Flôr da Rua* é interessante, embora não seja novo e manda da a verdade que se diga que é tratado com uma certa segurança que dá aos seus autores fóros de autenticos l bretistas do genero. As suas qualidades teatraes; o seu romantismo, por vezes piegas ao lado do caricatural d'algumas das suas situações; o brilho da *mise-en-scene*; a facilidade e espontaneidade da musica fizeram o seu verdadeiro successo,

no publico. E', sem duvida, uma peça cheia de defeitos, com a repetição frequente dos mesmos motivos sentimentaes e comicos, com abuso dos velhos efeitos do champagne e dos desmaios, mas atravez d'esses mesmos defeitos, sente-se mocidade, embora essa mocidade seja muitas vezes ingenuidade, sente-se frescura — e o publico aplaude.

No emtanto, do tema que escolheram os autores podiam ter feito, não apenas uma peça escrita em portuguez, mas uma peça portugueza. Bastava imprimir um pouco mais de caracter á sua heroína, cercal-a, não dos tipos convencionaes de *cocus* de opereta, mas de figuras nossas e de caricaturas em que se sentisse o nosso meio; bastava, sobretudo, terem-se os autores libertado do espirito de imitação do genero austriaco, tão incaracterístico, libertarem-se do eterno de-

lirio da valsa eterna; bastava um pouco mais de personalidade e, dentro mesmo dos moldes do genero, em que da arte tem apenas de se exigir a amenidade e a leveza, teriam realisado uma obra a que seria in justiça negar incondicionaes louvores.

A peça do sr. André Brun não é apenas uma peça escrita em portuguez: é portugueza e, mais do que portugueza, lisboeta. É uma deliciosa cronica da vida alfacinha, escrita com um bom humor, um espirito, uma facilidade, uma alegria e uma vivacidade de observação notaveis. Ha caricatura, certamente — mas essa caricatura teatral nunca desce á farça porque nunca perde a elegancia. O sr. André Brun é um humorista mas é sobretudo um homem de letras. A sua comedia não é peça de acção uma — é uma peça de dialogo. Mas é preciso ser um homem de teatro, conhecedor dos segredos e dos efeitos da cena, para saber entreter um publico durante trez horas com uma anedota banal que se conta em trez minutos. O 1.º e 4.º átos da *Vizinha do lado*, os menos felizes da comedia, como composição geral, são excellen-

tes, como tecnica. Passados n'um patamar de escada, eram extremamente dificeis de conduzir, sem tirar á ficção teatral a verosimilhança artistica. O sr. Brun venceu essa dificuldade e fez das suas qualidades de teatralisador uma prova de exame.

No ultimo áto, a intriga comica é inesperadamente cortada por um delicado fio de drama. E' quando a átriz compreende que o coração do amante está n'outra parte — e d'ele se despede, ella que era bulhenta e insuportavel, sem uma recriminação, engulindo as lagrimas e estrangulando os soluços. Esta situação, depois, de trez átos de ironia e de riso, é uma *trouvaillé* e só de-sejariamos que o sr. Brun a não tivesse alongado tanto e a não prejudicasse com a cena seguinte entre a átriz e a noiva do amante que já é falsa e contrasta com a delicadeza do delicioso episodio anterior.



Ator Estevão Amaranhe no papel de Visconde



Ator José Ricardo no Baco



O ator Pedro Gambôa no pianista Rafael



Sr. André Brun autor da peça *A vizinha do lado* em cena no Ginásio



A. DE C.

A atriz Etelvina Serra no papel de Cecilia

(Caricaturas de Carvalho)

Presidente da Republica em Cascaes



O miradouro d'onde um acriano illustre vê o mar: O sr. dr. Manuel d'Arriaga no extremo do terraco do palacio de Cascaes olhando a bahia.



No terraco de Cascaes: O sr. Presidente da Republica com algumas pessoas da sua familia. Da esquerda para a direita sentadas as sr.^{as} D. Maria Adelaide d'Arriaga Ferreira, filha do chefe do Estado; D. Maria Valentina Riet d'Arriaga, nora do chefe d'Estado; sr. Presidente da Republica; sr. Afonso Augusto de Barros, neto; D. Cristina d'Arriaga de Barros e D. Lucrecia Mariana de Barros, filha e neta do Presidente da Republica. 2.^o plano: Srs. Henrique de Barros, secretario particular e genro do Presidente da Republica; Manuel d'Arriaga Brum da Silveira, consul de Portugal em Porto-Alegre e filho do Presidente da Republica; Daniel Ferreira, genro do Presidente.



O chefe do Estado no terraço do palácio vendo a vila e o mar.

Durante a estada do Presidente da Republica em Cascaes houve varias festividades na vila em que o chefe de Estado se fez representar, pois que no socego da cidadela o sr. dr. Manuel d'Arriaga convalencia da grande enfermidade que o atacava.

A sua existencia era das mais simples. Seus filhos e seus netos visitavam-no ali a miudo, os pequenitos acompanhavam-o nos seus passeios por diante das aguas azues da bahia que ele contemplava com todo o amor d'um insular. Sabe-se que o açoriano adora o mar, as velas que se avistam ao longe, os perfis vagos dos navios, todo esse espetaculo da onda embravecida que vem rebentar contra os rochedos na praia ou do mar calmo a refletir o ceu azul.

Quando a onda era bravia ou quando estava socegado o oceano o chefe do Estado jámais deixava de



O sr. dr. Manuel d'Arriaga com seu filho Manuel d'Arriaga Junior, consul de Portugal em Porto Alegre (Brazil)



1. O Presidente da Republica passeando na cidadeia.—2. No pátio do palacete: o sr. Henrique de Barros, genro e secretario particular do chefe do Estado e o official comandante da guarda sr. Ernesto Cruz Nunes.

os ir contemplar. Mesmo sob as chuvadas umas' vezes, outras á ardencia do sol. Lá na ponta da cidadeia, metida a sua base no mar como uma atalaia medieva, existe uma especie de corucheu e era ali que o presidente da Republica ficava horas esquecidas olhando os longes da Guia, a linha breve do horizonte, os grandes navios que entravam ao largo e os barcos mais modestos que iam a meio rio com as suas velas enfunadas. A' tarde, quasi ao crepusculo, sumida a luz, ficava-se a vêr os pescadores que recolhiam da sua faina os barquitos ligeiros que chegavam da pesca, as mulheres que iam á praia com os filhos saber dos resultados do dia enquanto se tiravam as rédes e se encalhavam as canoas na areia.

E mal sahíram esses humildes que no varandim da cidadeia o chefe do Estado os seguia enternecidamente como um homem que bem conheceo viver singelo e doloroso do povo.



3. Os mais queridos companheiros do chefe do Estado durante a vilegiatura: seus netos, filhos do sr. Henrique de Barros.

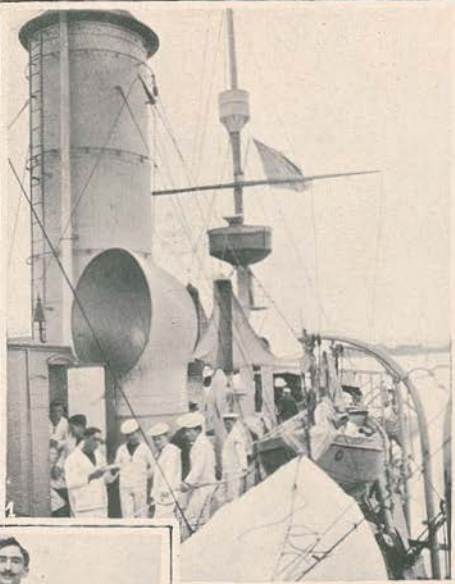


No extremo da cidadeia:—O presidente, seu filho e a sentineta.—(Clichés de Benolle)

Viagem do Adamastor

O *Adamastor* que partiu para o Brazil onde vai re-presentar o governo portuguez nas festas do aniversario da Republica Brasileira, fez antes uma longa viagem ao oriente onde a sua officialidade colheu impressões excellentes e d'onde trouxe recordações magnificas.

Os officiaes do *Adamastor* tomaram logar nos expressos que atravessam as regiões e foram vêr parte d'essa China len-

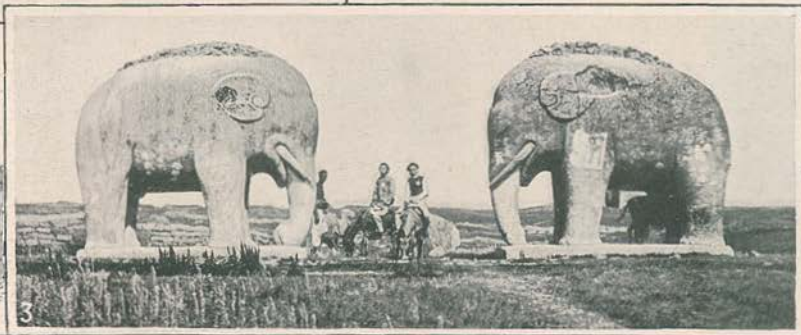


daria dos *bonzos* e dos misterios que a Republica não transformou. Como que um grande e misterioso espirito paira ainda sobre as cousas n'essa nação singular.

O exercito fardase á europeia, a marinha faz o mesmo, cortam-se os rabiços, desaparece o tormento inflingido ao pé das damas, o rachitismo torturante que vemos exemplificado nas chinezas que aí aos cantos de Lisboa vendem a bibelotagem e as futilidades de papel. A republica pretende equalitar todos perante a lei; os seus jovens mais intelligentes são

mandados á Europa a aperfeiçoarem-se nas artes, nas letras, nas ciencias, nas profissões manuaes mecanicas á excção das industrias das louças e das sêdas em que são mestres os amarelos mas a velha crença, a religião inata fica nas almas com o pitoresco e é ela que faz o rico chinez como o japonéz conservar os seus deuses lares, o culto dos antepassados, os templos dos genios e em casa a sua cabaia de sêda es-palmada d'aves e de arvores exóticas como aquella que o mandarim do Eça vestia quando a morte o foi surpreender a deitar o seu papagaio amarelo.

Ha sempre na China o mesmo pitoresco e os mesmos cultos e só porque um almirante usa



1. O *Adamastor* viajando no Yang-Tsé.—2. O lente da Escola Naval sr. Vitorino Gomes da Costa com os aspirantes srs. Rodrigues, J. de Carvalho e Santos Moreira que foram promovidos a guardas marinhas na viagem do *Adamastor* á China. De pé o sr. Julião de Carvalho, distinto fotografo amador e colaborador da *Ilustração Portuguesa*.—3. Em Nankin: Os elefantes junto ao tumulto do Mingues.

dragonas de cacho, um general botas de montar, só

do Adamastor sentiram em toda a parte onde estive-



porque o presidente fala aos «reporters» europeus com o seu dolman agalado e ao lado de militares com cordões de ajudantes de campo não se segue que tenha havido uma geral demolição de símbolos nem uma de vastadora razia nas religiões. D'ái o pitoresco, d'ái a vida chinesa conservada que os officiaes

ram. Penetrar n'um lar chinês é encontrar o canto reservado aos que morreram; todas as familias teem o culto dos que lhe deram o ser e rara é a cidade onde não se apresenta tambem o culto publico dos homens de talento sob a fórma d'umas figuras abstratas como deuses da inspiração. E' assim



1. Os camelos perto do tumulo dos Mingues em Nankin.—2. No caminho do tumulo dos Mingues em Nankin
3. Officiaes do Adamastor e senhoras portuguezas de Sanghaie voltando d'um pic-nic.

do culto mas também o progresso das artes da pedra desde tempos imemoriaes entre os filhos do céu.

Eles esculpiram formosos elefantes de tamanho natural com as suas defezas e também com os seus xaireis, os cavalos nobres com a sua musculatura rija e os camelos com



Em Little Orphan, uma interessantíssima ilha no Yang-Tsé

o templo dos quinhentos genios. Sempre além da morte o chinez é ainda mais querido e mais ama-

Uma lorcha e uma aldeia chinesa nas margens do Yang-Tsé.



do do que em vida. Os tumulos o atestam. São como memórias bem guardadas.

O tumulo dos Mingues com os seus caminhos guardados por animaes em pedra e que são seculares atestam a beleza



as corcovas vastas, tudo isso como a entrelharem-se na estrada que conduz á sepultura historica.

Esses animaes estão ali como guardas e como evocações. Os seculos passaram, cobriram-nos de musgo e mais nada.

3. Em Soochow, uma burricada junto ao grande Pagode.
4. Um aspéto da cidade de Cairo.

Nem o povo lhes tocou nem o menor vandalismo foi exercido.

E' ali o tumulto da dinastia que reinou até 1644 e teve 17 imperadores e foi fundada pelo filho d'um lavra-



Os seus descendentes, porém, transferiram-na para Peking.

Tornou-se bem rica a China porque estabeleceu então as suas relações com a Europa até que a dinastia sucumbiu e foi



Um ator chinês

dor, homem de genio que se revoltou contra o usurpador mongolico. E' em Nankim que estão esses tumultos e Nankim foi a capital que o imperador escolheu ao tomar o nome d'Houng-w.

A bordo do *Adamastor*. Srs. Batalha de Freitas ministro de Portugal no Japão, madame Batalha de Freitas, Quilcas. No 2.º plano srs. Barjona de Freitas, D. Carlos Coutinho, A. Bastos, e o comandante sr. Anibal Souza Dias.



Em Macau. No jardim de Lu-lu-oc, srs. J. Carvalho, Lu-Tchum, Julio Silva um portuguez de sanghai e J. d'Assunção.



No Cairo. O comandante e alguns officaes do *Adamastor* n'um passeio ás pirâmides de Giseh

substituida pela dos Tsing, a mandchu, que se apossou do paiz.

Apart'deste culto do passado os officaes do cruzador *Adamastor* viram tambem o Yang Tsé, o lindo rio azul que atravessa toda a China Central, tem ilhas



Um réu respondendo perante o tribunal na China



O templo dos quinhentos genios em Cantão.



jogando o *tenis* em Coloane, a ilha dos piratas e deixando esse oriente maravilhoso vieram sempre desembarcando aqui e ali a verem as singulares notas dos paizes onde pararam, olhando as belezas do Cairo, descansando na base das piramides formosas até que entraram no mais lindo lugar de todos os percorridos: a linha admiravel do nosso Tejo.



1. A partida de *tenis* oferecida pelos officiaes do *Adamastor* em Coloane.

2. No Jardim de Soochow. Grupo de officiaes do *Adamastor* e senhoras portuguezas em Sanghai.

que são encantos e serve magnificamente o commercio d'esse paiz, pois vem desaguar em Shanghai, hoje uma cidade de maravilha como Hong-Kong.

Depois foi em Macau que eles estiveram vendo as belezas da região, fazendo os seus *pic-nics*,



3. Os officiaes recebendo os convidados para o *tenis* em Coloane.
(*Uchês* do dis. into amador sr. Julião de Carvalho)

A VINDIMA EM PESQUEIRA



Fachada principal da quinta da sr.ª Baroneza de Fragozela em Pesqueira

A vindima por esse paiz além é uma festa meia pagã sobretudo ao acabar.

Emquanto os homens e o mulhero andam na vindima ao sol enchendo os cestos com os cachos pesados da ferral e da uva branca, só de quando em quando, sôa uma canção. Aquilo, conforme a



colheita, é um carreiro maior ou menor de vindimadores entre as cepas. Em Rio Frio, o imperio do vinho, é uma legião. O trafego é uma inferneira. Nas propriedades mais pequenas ainda assim ha movimento e vida porque não ha mais alegre trabalho do que uma vindima como

Uma videira na propriedade da sr.ª baroneza de Fragozela cujas uvas pesaram 25 kilos



Os operarios da vindima da quinta da sr.ª baroneza de Fragozela organisando um cortejo para tornejarem a vila entoando os canticos de despedida do S. Miguel das uvas.

não ha
nenhum
mais ex-
tranho do que uma pi-
sa. Os sistemas moder-
nos roubaram-lhe o
pitoresco, esse cunho
bachico, essa nota ex-
travagante que o pri-
mitivo trabalho tinha.
Os homens arregaçados até as virilhas saltavam para o lagar; começavam o piso e á medida que o bago ia deitando o seu sumo, subindo, enchendo os lagares os homens transformavam-se como por magia.

Era como um balancear de faunos n'uma epilepsia ás vezes, outras ritimico e



Pisando as uvas.

quando a vindima acabava e a uva ia ferver começava então a festa, esse resto extranho, esse farrapo de paganismo em que havia saltos, cabriolas, vinho do ano anterior á festa.

Andavam de porta em porta, atravessavam as vilas cantando, abençoando o fim do trabalho e o ganho, enaltecendo em rimas improvisadas a uva de que se ia gerar o bom vinho.

Foi uma festa assim que se fez nas propriedades da sr.^a



Colhendo os cachos na propriedade de Fragozela

compassado metódico como de maquinas.

Saiam pintados de rôxo, as pernas, os rostos suados e tambem lambuzados e assim iam para as refeições tontos n'aquela marcha n'um espaço curto. Depois



Condução das uvas para o lagar.
(Clichê do sr. Antonio dos Santos Fontes)

baroneza de Fragozela, em Pesqueira, depois da abundante vindima d'este ano, havendo descantes e bailados diante do lindo solar um dos mais característicos de Portugal.

Os jornalistas de Braga em Barcelos e Espozende

Realisou-se a visita dos jornalistas de Braga á vila de Espozende.

A's 8 horas saíram os visitantes, em numero de vinte e quatro, n'um auto-omnibus engalanado, em direção a Barcelos, fazendo o trajeto por Prado. No lugar da Gandarinha, em S. Martinho de Galegos, esperavam os visitantes os jornalistas de Barcelos e diversos representantes da Associação Commercial d'aquella vila, trocando se cordeas cumprimentos na sêde da referida Associação, que estava embandeirada.

Falaram um representante da *Folha da Manhã* e o sr. presidente da Associação Commercial, que deram as boas vindas aos jornalistas bracarenses, agradecendo os srs. Lima Castela, Vicente Braga, Batista Ribeiro e Antonio Ribeiro. Depois d'um delicado *copo d'agua*, oferecido pelos jornalistas bracelenses e pelos representantes da Associação Commercial, fez-se a abalada para Espozende, onde a recepção foi deveras afetuosa e cordeal.

Na freguezia de Palmeira de Faro estavam os jornalistas espozendenses, mem-



1 O penão da nova associação dos Jornalistas e Homens de Letras, esplendido trabalho de pintura a óleo sobre seda pelo sr. R. Junior.—2. Em Espozende depois da visita aos Cavalos de Fão



Vista geral de Espozende



bro da camara municipal e da Associação Comercial, e ainda muitos outros individuos, aguardando a chegada dos visitantes, com uma banda de musica.

A recepção no limite do concelho foi feita ao som do hino nacional, estrealando os foguetes em girandolas.

A caminho da linda vila por toda a parte se aglomerava o povo, saudando-os com vivas entusiasticos.

Nos paços dos concelho foram dadas as boas vindas pelo sr. presidente da camara. falando depois os srs. Antonio Ri-



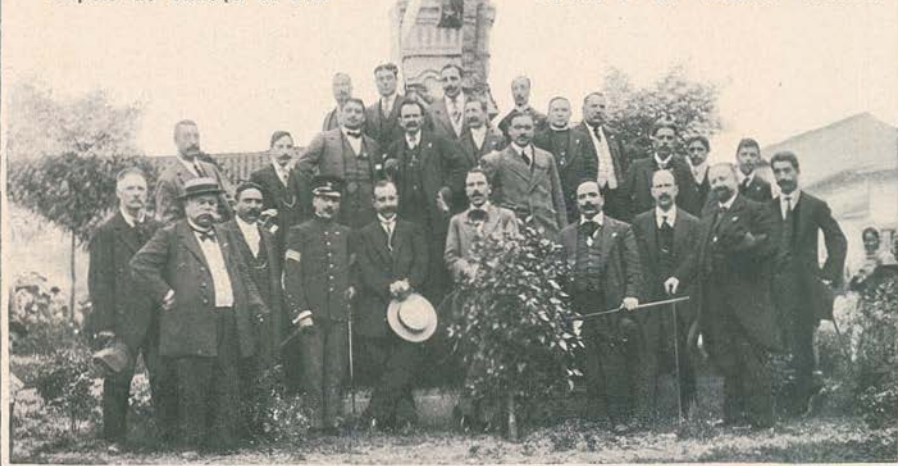
1. Grupo de senhoras de Espozende que gentilmente tomaram parte na recepção feita aos Jornalistas de Braga — 2. Em Espozende: Preparo do barco para a pesca da sardinha — 3. Em Barcelos: O sr. presidente da Associação Comercial e Jornalistas de Barcelos que acompanharam os seus colegas de Braga, na visita a Espozende

beiro e padre Ribeiro Braga, e os srs. dr. Artur de Barros Lima pela imprensa de Espozende, e dr. Henriques Torres pela Associação Commercial. A sessão decorreu com brilho e entusiasmo.

Depois do almoço os visi-

mercial, que daria grande vida á formosa vila.

No regresso os visitantes foram prestar homenagem ao glorioso mestre Rodrigues Sampaio, depondo no seu monumento dois *bouquets* oferecidos pelos jornalistas de Braga. Junto ao monumento falou o sr. Antonio Ribeiro,



Grupo de Jornalistas de Braga com os seus colegas de Barcelos e Espozende, junto ao monumento a Rodrigues Sampaio depois de deporem *bouquets* na estatuá

tantes, em barcos engalanados, foram vêr os «Cavalos de Fão», de que muito se tem falado na imprensa a proposito da grande vantagem que haveria de appropriar os á construção de um porto co

lendo tambem o sr. padre Ribeiro Braga um improviso em verso de Manuel Roças á memoria do eminente jornalista que foi Rodrigues Sampaio.



Os Jornalistas de Braga, algumas senhoras e cavalheiros de Espozende na praia junto aos Cavalos de Fão
(Cliché do distinto amador sr. Rebelo Junior)

A apanha da azeitona



Os varejadores.

No Alemtejo, no celeiro de Portugal, procede-se atualmente á colheita de azeitona.

Os airosos ranchos de rapazes e raparigas que trajam



Apanhando a azeitona caída.



Tipos de apanhadeira

saia-calcão, com o infalível chapéu de feltro, ornado de flôres naturaes, em que predomina a simplicidade, sem faltar o bocadinho de preciso amor proprio, e sem despreso de todo o partido para a agradável estetica de suas *toilettes*, através-



aguardando que voltem as primaveras para se cobrir de flôr e novamente dar esse fruto verdejante que

pouco a pouco vae enegrecendo á medida que amadurece. O fruto que se colheu entra nos lagares, alguns pelo sistema primitivo, como no tempo de Noé, lia-se ha dias n'uma legenda d'estampa curiosa, outras em prensas que são verdadeiras maravilhas e nas quaes não se perde nada da azeitona. Vae uma grande labuta no lagar. Os lagareiros atentos á obra recebem os grandes cestos onde a azeitona vem enquanto a prensa vae espremendo a fruta de onde sairá o oleo abençoado que o homem desde tempos imemoriaes aproveita.

O azeite foi a sua primeira luz artificial de duração posta nas estranhas lampadas encontradas ainda hoje nas cavernas, e foi o seu balsamo, antes de ser o seu alimento e d'aí os grandes serviços que se

sam, apressados, essas extensas estradas, orladas de frondosas oliveiras seculares para irem espalhar-se nos vastissimos olivares que, por encostas suaves e planicies, se estendem ininterruptamente por milhares e milhares de hectometros.

Ao findar o dia voltam a casa bailando e a cantar alegremente ao compasso de enfeitada pandeireta, pela mais bela, graciosamente tangida.

E o carreiro, á noite e sempre, com suas garbosas parelhas, conduz ao lagar a colheita do dia, para aí, onde a industria moderna, em muitos, colocou já aperfeiçoados aparelhos, substituindo a vara pela pressão hidraulica, a candeia e o bispo pela iluminação electrica, utilizando a força a vapor com que se fazem jas interessantes operações em que dezenas de homens se empregam.

A arvore da paz depois do varejo que se faz durante dias fica



2



1. A' hora do descanso.—2. Lagareiros.—3. O abastado proprietario sr. Nazaré Lopes depois da visita ao seu lagar



1

Elvas a terra das azeitonas mais saborosas de todo o Portugal.

É esta a época em se vae varejando a azeitona; alguma já entra no lagar onde se vae fabricando o azeite uma das riquezas maiores do nosso paiz assim como da vizinha Hespanha sendo a península que rivalisa com a Italia a região dos belos olivaeas que o latino sempre amou enternecidamente.

E por esses campos fóra ao som das mellopeas no Alemejo das alegres canções no norte se vae fazendo a colheita da azeitona.



2

1. A caminho de casa depois do trabalho — 2. As apanhadeiras

deve á oliveira, arvore da paz que tanto floresce em Portugal mas ainda assim sem dar a abundancia larga de azeite necessario para o nosso consumo e exportação.

Por todo o paiz ela se cultiva, é tratada com esmeros, não se deixando ao abandono. Não sendo propriamente uma arvore regional ha todavia terras onde ela existe em maior numero e onde a qualidade do azeite é mais celebrada como em Castelo Branco, alguns pontos de Santarem — dos olivaeas da tradição, de Moura e



3

3. Um rancho de varejadores
(Clichés do distinto amador sr. A. Abrantes, d'Elvas)

Figuras e Factos

Ao glorioso pintor Malhõa acaba de ser dedicado um pequenino e artistico folheto da coleção Pró Arte, iniciado por um dos devotados amigos e admiradores do insigne artista. A maior parte das obras do pintor, a sua casa as homenagens que lhe tem sido prestadas veem n'esse belo trabalho que sendo uma minuscula edicão é ao mesmo tempo uma obra preciosa. O seu autor é distinto escriptor sr.



O ultimo retrato de Malhõa.



A casa de Malhõa.

Cruz Magalhães que serviu de modelo com o seu lindo cão ao quadro do mestre intitulado *Dois amigos* e que a *Ilustração Portuguesa* publicou.



Sr. Cruz Magalhães, autor do artigo inicial estudo.

Um desenho de Malhõa.

O sr. dr. Alfeu da Cruz que exercia desde ha muito o logar de diretor da policia de investigação criminal pediu dois mezes



5



6



7

dro de Castro que começou a sua tarefa pelo inquerito ao *complot* monarchico que ha dias se descobriu.



8

- 5. Sr. Augusto Amthal Avejar Machado, livreiro, falecido em Lisboa.
- 6. Padre Francisco dos Reis Pessoa, falecido em Alfaiates.
- 7. Sr. Manuel Augusto Severino d'Oliveira, engenheiro, falecido em Mossamedes.

de licença que vae gosar na sua provincia alegando o trabalho em extremo fatigante do seu cargo dados os numerosos acontecimentos que tem carecido da sua intervenção para o apuramento das responsabilidades dos réus. Diz-se que o sr. dr. Alfeu da Cruz não voltará a ocupar o seu antigo cargo exercido agora interinamente pelo sr. dr. Pe-



9

Sr. dr. Alfeu da Cruz, juiz d'investigação criminal que se licenciou.

Sr. dr. Pedro de Castro, novo juiz d'investigação criminal—(Clichés de Benoit)



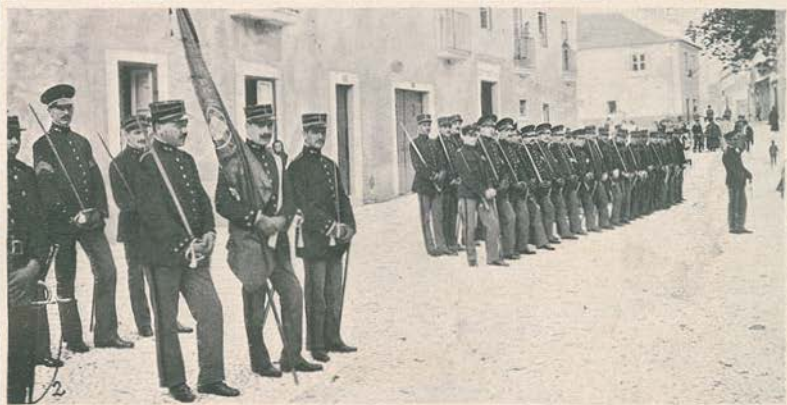
1. Capitão sr. Filipe Praça trucidado pelos indígenas no Congo juntamente com o sargento Marreiros Neto, quando faziam um reconhecimento.—2. Sr. dr. Balbino Davalos, ministro do Mexico acreditado em Lisboa, literato distinto, que acaba de publicar mais um belo livro de poesias subordinado ao titulo de *Mosas de Francia*.—3. Sr. Joaquim Dolivaes Nunes, autor do *Método Dolivaes* e o mais acerrimo combatente da campanha contra o Jogo, a que devotadamente se tem dedicado. 4. Sr. Ventura Abrantes, livreiro editor e iniciador da Biblioteca de Educação Universal, dirigida pelo dr. Teófilo Braga e que deve sair em Janeiro proximo.



Aspêto da sêde do Centro Republicano Portuguez do Pará nas noites de 4 e 3 de Outubro, quando aquella agremiação comemorou o 3.º aniversario da proclamação da Republica Portugueza

Abertura da Escola de Guerra

A Escola de Guerra abriu ha dias o seu ano letivo com a assistencia do Presidente da Republica, tendo comparecido ali, além do corpo docente, grande numero d'oficiaes de todas as armas e o ministro da guerra com os respectivos ajudantes, bem como representantes de varios estabelecimentos d'instrução. Foram entregues pelo chefe do Estado os diplomas aos alunos premiados sendo depois feita uma visita a to-



das as dependencias da escola pelo sr. dr. Manuel d'Arriaga.

A oração de sapiencia foi dita pelo lente da 9.ª cadeira sr. Ferreira Simas que tratou da importancia da quimica na arte da guerra e relatou todas as vantagens das ultimas manobras des alunos em Tancos.

Tambem pelo capitão de mar e guerra sr. Hipacio Brion foi entregue ao chefe d'Estado o diploma e medalha que o Instituto de Socorros a Naufragos conferiu ao professor da escola sr. Moraes Sarmiento que salvou a vida a um aluno n'aquelas manobras.

1. O chefe do Estado e o general Moraes Sarmiento diretor da Escola de Guerra entrando para o estabelecimento seguidos pelo sr. ministro da guerra.—2. Parte do batalhão d'alunos com a sua bandeira.
3. Os alunos d'artilhariã e engenharia que foram premiados—(Clichês de Benollel)



Mariana Alcoforada, á luz d'um cirio,
Na pequenina cela do convento,
Vae louca dissolvendo o seu tormento
Na tinta com que escreve o seu martirio;

E no auge da febre, no delirio,
Tem espasmos de goso e desalento,
Odeia o sol a noite, odeia o vento,
Maldiz a fé, o amor, a rosa, o lírio...

Odeia tudo; ele mais ainda
Que lhe cuspiu amor na face linda
E a deixou c'o amor abandonada.

Sem forças adormece... E' madrugada.
E ao despertar d'aquela imensa dôr.
A carta recomeça: «Meu amôr»...

FELIX HERTZ.



O MOVIMENTO MONARQUICO



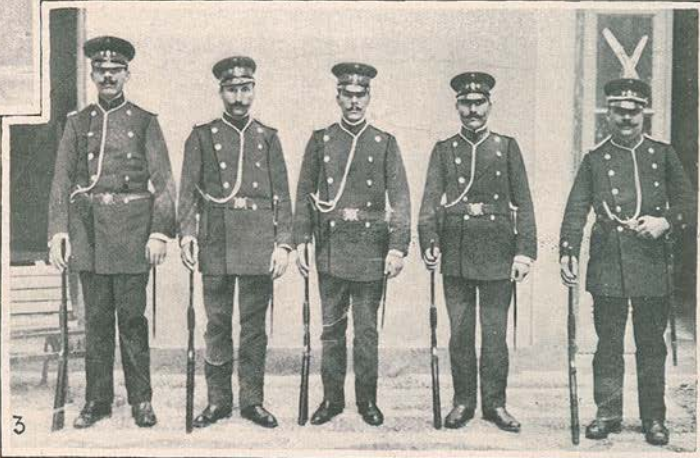
1. Azevedo Coutinho que fugiu de Lisboa a bordo do *Drina* com o traje com que se disfarcou e entrou em Vigo, depois de algumas peripetias.

em Vigo. Também n'uma casa de Campolide se descobriu um hospital de sangue a que superintendia a sr.^a D. Julia de Brito e Cunha que foi presa e entregue á autoridade militar.

A conspiração monarchica de dia para dia apresenta-nos surpresas como a prisão dos srs. Moureira de Almeida, pae e filho, a bordo do vapor *Texas* que já tinha saído a barra e foi obrigado a reentrar em vista do temporal, a entrega ás autoridades do sr. dr. José Lobo d'Avila Lima que durante doze dias esteve escondido e a fuga habilidosa do sr. João d'Azevedo Coutinho a bordo do *Drina* indo desembarcar



2. D. Julia Brito e Cunha, que instalou o hospital de sangue.

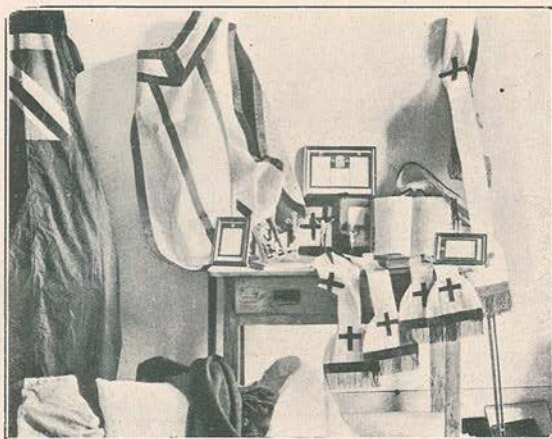


3. A policia do Porto que conduziu á Penitenciaría de Lisboa o preso conde de Mangualde que fóra condemnado como chefe d'um bando monarchico refugiado na Galiza e que voltara á capital do norte para tomar parte na agitação.



4. O condemnado Souza Alves descendo da carruagem celular no pateo da Penitenciaría.—5. Carlos Ficalho, entrando na Penitenciaría de Lisboa.—(Clichés de Benoitel)

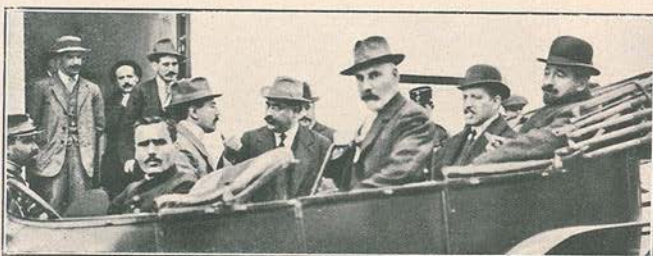




1. Os paramentos religiosos descobertos no prédio da rua Leandro Braga em Campolide e que D. Julia de Brito e Cunha alugara em nome d'uma senhora inglesa—2. A casa da rua Leandro Braga C. F. A., Campolide, onde se instalara o hospital de sangue

Entre outros objectos havia uma coleção d'estolas e todos os trajos e distintivos para revestir um sacerdote que tivesse de dizer missa.

O resto eram ingredientes varios, medicamentos, pen-



o chefe do governo, com o srs. dr. Francisco Gentil e dr. João Tudela no automovel em frente da casa da rua Leandro Braga quando a visitou a fim de ver se a podia apropriar para um posto medico. De pé: o ministro do interior e dr. Pedro de Castro

so,inhos generosos, macas, ambulancias material suficiente para constituir um posto medico o que não se fez por não ter condições a isso a casa da rua Leandro Braga, em Campolide.



Na casa da rua Leandro Braga. Uma das dependencias com os objetos encontrados estando junto á mesa o sr. Vale, que descobriu o hospital de sangue dos monarchicos—(Clichés de Benoliel)

Figuras e Factos



1. O batismo d'um cavallo pertencente ao ator Nascimento Fernandes no picadello do sr. Antonio Correia. A cavallo a atriz Egídia de Oliveira, e os atores Nascimento Fernandes, João Silva e Amarante. Entre a assistencia os empzarios Lino Ferreira (1) e Luiz Galhardo (2) e o picador sr. Joaquim Ricardo (3)



2. O ator Nascimento Fernandes no seu cavallo que recebeu o nome de O 31



Aspétos dos barcos que foram retirados d'agua em Cascaes quando dos violentos temporaes. (Clichés de Benoliel)

Na escola de equitação do sr. Antonio Correia, realisoou-se o *batismo* de um cavallo do popular ator comico Nascimento Fernandes. A cerimonia foi abri-

lhantada com diversos trabalhos equestres em que o picador d'aquella escola, sr. Joaquim Ricardo, mostrou a sua grande proficiencia.

Auxilio Maternal do Funchal



queiros espalham tambem a sua caridade a par d'agregações feitas por humildes e por eles sustentadas.

Ao lado da generosidade dos opulentos surge tambem a solidariedade dos remediados e dos trabalhadores e é assim, n'um coletivismo instrutivo, que as grandes miserias não virão perturbar frequentemente os nossos olhos.

A maior miseria é ainda a d'uma mãe

sem ter uma gota de leite para dar ao seu filho, sem outro berço para o embalar além dos seus braços debeis pela canceira da fome, sem uma roupa para lhe vestir.

Esse auxilio devido a todas as mães necessitadas, existe

1. A passagem das creanças

Por toda a parte de sabrocha a caridade. E' um espirito do seculo. O rico pensa no pobre não já com o ar protetor do passado, não já com o espirito beato da esmola dos conventos, mas como um dever de repartir uma parte do seu superfluo sobretudo com a infancia necessitada.

Milionarios americanos, como cançados do goso dos seus milhões, fundam hospícios, crèches, balnearios, abrem escolas, bibliotecas, institutos, estabelecem premios valiosos, a quererem dar aos infelizes da sorte um pouco de consolo; damas da aristocracia mundial juntas com esposas de ban-



2



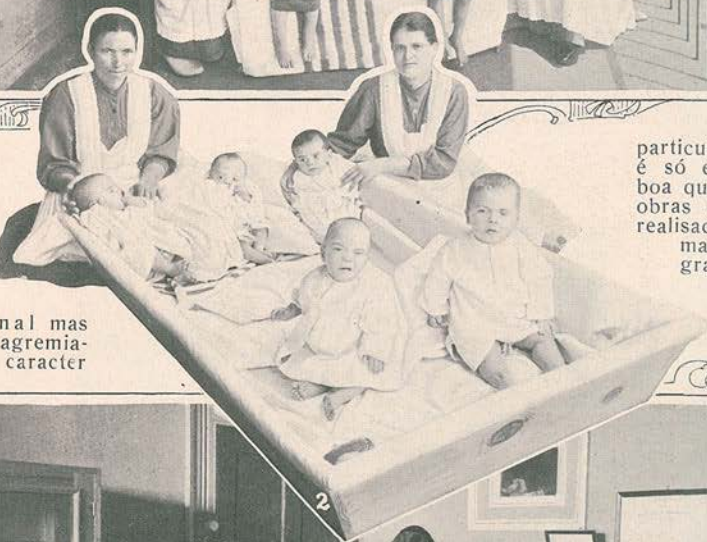
3

2. Sala da recepção—3. Na dispensa: pesando o fornecimento



felizmente não só feito pela assistência pública nacional mas ainda por agremiações de caracter

particular. Não é só em Lisboa que essas obras se tem realizado e tomado um grande in-



1. Os internados e o pessoal—2. Assoalhando a petisada... ar e sol—3. Maternizando o leite



1. Acafates... de cravos e rosas — 2. Trazeiras do edificio do Auxilio Maternal

cremento sendo já rara a freguezia em que não existem pelo menos uma cantina, uma escola, uma comissão d'auxílios a creanças mas também pela provincia, ilhas e mesmo nas colonias.

Um dos mais notaveis exemplos do genero existe no Funchal sob o titulo *Auxilio Maternal* e foi fundado em 1902 por varios gremios da capital da formosa Madeira.

Em 1903 — a 3 de setembro — com uma grande pompa abria-se ao publico a séde do *Auxilio Maternal* cujo fim principal consiste em alimentar creanças desde que nascem até aos dezoito mezes de idade sendo o sustento com leite maternizado.

Na crêche recebem-se também pequenos dos quatro aos oito anos, filhos de pobres que tenham que andar a ganhar o seu pão fóra do domicilio.

Tudo isto se mantém devido ás quotas de subscritores, produtos de bailes e festas de todo o genero, d'esmoladas de bordo e d'um auxilio das camaras e da Junta Geral.

Foi a convite do sr. dr. José Joaquim



3. Separados pela idade

de Freitas que se reuniram os socios fundadores d'essa instituição de caridade.

As roupas, moveis, varios utensilios, titulos de dividas foram oferecidos por varios individuos destacando-se pela importancia subscritas os bombeiros do Funchal, o seu comandante sr. Candido Gomes e a sr.^a D. Julia S. Vieira residente no Pará. A receita era de 3.312.275

o que dava depois de pagar todas as despesas um saldo valioso.

Numerosas creanças tem sido tratadas, sustentadas e recolhidas n'esta instituição que honra os seus autores e é uma das mais florescentes da bela ilha que tantos homens illustres tem dado ao nosso paiz.

De dia para dia mais se vae desenvolvendo esse estabelecimento de caridade a que se ligam numerosos subscritores entusiasmados com a proteção dispensada ás creancinhas pobres d'essa terra de luz e de trabalho.

Peçam a este Homem que lhes leia a Vida

SEU PODER EXTRAORDINÁRIO DE LER AS VIDAS HUMANAS, SEJA A QUE DISTANCIA FOR, ASSOMBRA TODOS AQUELES QUE LHE ESCREVEM

Milhares de pessoas, em todas as regiões da vida, têm tirado bom proveito dos conselhos d'este homem. Diz-lhes os destinos que as suas capacidades lhe permitem e de que modo poderão atingir o bom éxito desejado. Indica-lhes os amigos e os inimigos. Descobre os bons e maus períodos de sua existência e o tempo que faz do que lhe respeito aos acontecimentos passados, presentes e futuros. Desvenda-lhes a Espanha e servir-lhes-ha de millo. E tudo quanto precisa para o guiar nos trabalhos lida-se a isto: o nome da pessoa inscripto pela própria mão d'ele, a data do nascimento e a datação do sexo. É assegurado mandar o diário. Citem o nome deste jornal e obtem a leitura d'Ensaio gratuita. Se a pessoa se isto ir, quer aproveitar este opportunity especial e obter uma revista da sua vida, não tem mais que mandar o seu nome, idade, morada e a data do seu nascimento (dia, mês e ano, isto bem claramente escripto e explicado), e quer seja senhor, senhor ou menina solteira, coplando também pela sua letra os versos seguintes:



Não milhares os que nos dizem Que daes conselhos sem par: Para atingir a ventura, Queris-me o caminho certo? A pessoa que escrever, em essa fór a sua vontade, pode juntar ao seu pedido a quantia de 150 réis em estampilhas portuguezas (ou 500 réis em stampilhas brazileiras) para despezas de porto e de escriptorio. Dirija a sua carta a Clay Hurton (Lancet, Suite 2008, L., Palays Royal, Paris, France). As cartas para a França devem ser frequentadas com 10 réis moeda portugueza. (ou 200 réis moeda Brazileira).

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE E FISIONOMISTA DA EUROPA



MADAME BROUILLARD

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromanicas, cronologia e fisiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemo, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) - LISBOA. Consultas a 10000 Rs. 25000 e 50000 Rs.

seguram. Fala portuguez, francez, inglez, allemo, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) - LISBOA. Consultas a 10000 Rs. 25000 e 50000 Rs.

ULTIMA INVENÇÃO NORTE-AMERICANA LUZ A GAZOLINA



UNICA que ACENDE COM UM FÓRORO COMO O GAZ E TENHO UM PODER ILLUMINANTE DE 500 VELAS. APENAS CONSUME UM LITRO DE GAZOLINA EM 24 HORAS. PEDIR INFORMAÇÕES A PARAZITO, PEIREIRA & C.ª - COIMBRA



EU CURO A RUTURA

Sem uso ulterior de funda 17-18

Se o sr. está rendido ou sabe de alguém que sofre de rutura, deve interessar-se pelo meu método de cura. O meu plano difere de todos os outros pelo facto de não só conter toda a verdade de ruturas n'uma forma continua e segura com perfeita commodidade, mas faz formar-se novo tecido na abertura da rutura, unido assim o local roto e produzindo uma cura absolutamente perfeita e permanente. Nenhum outro método produz este resultado. Provê já a muito vez que posso curar a rutura ainda depois de duas operações terem fraccassado. Os meus pacientes curados passaram pelas maiores provas e reconhecimentos medicos e fisicos e os doutores certificarão a cura. Nenhuma pessoa que brada é demasiado nova ou demasiado velha para adotar o meu método — nenhuma quebradura é tão má que não possa ser curada. Entre os milhares de pessoas que foram curadas estão os srs. Ga-par Paula, rua Mousinho da Silveira, 163, Porto, Portugal, solteiro, 64 anos de idade, herniado do lado esquerdo havia 10 anos; e o sr. Antonio dos Santos, travessa de Froes, 21, Santarem, Portugal, 75 anos de idade, hernia escrotal, de 6 anos; e o sr. D. Bernabé Felto, Cale Baja, Caspe; P. de Zaragoza, que foi curado na idade de 59 anos e que diz:

«Estou completamente curado e já não uso mais a funda. Dou-lhe muito agradecimentos pelo grande cuidado que tem com os seus doentes.»

Escreva-me imediatamente a pedir-me informações completas do meu método e com elas lhe enviarei uma amostra gratuita do meu tratamento, franco de porto. Escreva-me imediatamente antes que a sua rutura chegue a estar estrangulada e uma operação seja o unico meio (mas não certo) de lhe salvar a vida. — Dr. Vm. S. Rice (S. 825), 89, Stone-cutter S. T., Londres, E. C., Inglaterra.

Perfumaria
Balsemão
141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE N. 2177

Dr. Bengué, 67, Rue Blanche, Paris.
BAUME BENGUÉ
CURA TOTALMENTE
RHEUMATISMO-GOTA NEURALGIAS
Venda em todas as Pharmacias

PARA QUE VIVER?
triste, miseravel, preocupado, sem amor, sem alegria, sem felicidade, quando é tão facil obter fortuna, saude, orna, amor, correspondido, ganhar aos jogos e loterias, pedindo a cartua brochura gratis, em portuguez, do professor YTALEO, 35, Boulevard Bonnevout-ile, 35, PARIS.

Sederia
Schweizer
de porta a domicilio.
Últimas novidades em selas para Vestidos e blusas bem como em veludos e peluches. Peçam as nossas amostras franco.
Schweizer e Ca., Lucerne E II (Suissa)

Le Chevalier d'Orsay
Este perfume se harmoniza com o aroma do charuto
D'ORSAY, 17, Rue de la Paix, PARIS

PNEU GOODRICH

E' O PREFERIDO PELO

VERDADEIRO SPORTSMAN

TODOS OS
AUTOMOBILISTAS QUE
TEEM EXPERIMENTADO

PNEU GOODRICH

NÃO QUEREM
MAIS OUTRA MÁRCA PORQUE A SUA
QUALIDADE
JUSTIFICA A SUA DEVISA
SUPERIOR
AO
MELHOR

A' venda

Castanheira, Lima & Rugeroni L.^{da}, Rocio - LISBOA

LAURENCEL & OLIVEIRA, R. Andrade Corvo - LISBOA
ROMARIZ, ABRANCHES & PISTACCHINI, Rua Santa
Marta - LISBOA
MAGALHÃES & MONIZ L.^{da}, L. dos Loios, 11 - PORTO
ANTONIO FERNANDES & FILHO - COIMBRA
SIMÕES & FLORIVAL - EVORA

ZENHA & C.^a - BRAGA
JOSE MARIA DIONIZIO JUNIOR - VIZEU
AUTO GARAGE GOUVEENSE - GOUVEIA
AUTO GARAGE - COVILHA
JOAQUIM MANUEL PICÃO FERNANDES - ELVAS
COELHO & BRANDÃO - VIANA DO CASTELO

AGENCIA GERAL DOS PNEUS GOODRICH Largo de S. Carlos, 5 e 6 LISBOA